

Entre o restaurar e o porvir: o conceito de “Império” no discurso *Responsiva Oratio* de Mercurino de Gattinara (1519)*

Renato Luiz de Oliveira Bernardino**

Universidade de São Paulo

DOI: 10.11606/issn.2318-8855.v14i2p220-245

resumo

O começo da Idade Moderna na Europa é uma época de diversas mudanças no campo da política, lar de nascimento de variados projetos políticos. O presente trabalho pretende por meio de uma análise do discurso *Responsiva Oratio* pronunciado pelo chanceler do recém-eleito Sacro-Imperador Carlos V, Mercurino de Gattinara (1465-1530), observar como é elaborado um projeto político universalista frente a dois problemas: a coesão territorial dos seus domínios e sua situação política dentro da corte do soberano. Para isto, a metodologia se vale das categorias “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa” elaboradas pelo teórico alemão Reinhart Koselleck dentro do campo da História dos Conceitos. Conclui-se então, que ao mobilizar diversas acepções do conceito de Império, principalmente oriundas da literatura político-jurídico medieval, estabelecendo um horizonte futuro otimista, Mercurino de Gattinara realiza um movimento duplo de conferir uma coesão ideológica para os variados territórios de Carlos V e apresentar-se como detentor de um pensamento articulado e coerente frente a corte de seu soberano.

PALAVRAS-CHAVES: História dos conceitos, Império, Idade Moderna, política.

* Agradeço à Profa. Dra. Ana Paula Torres Megiani (DH-FFLCH-USP).

** Graduando em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), membro do Grupo de Estudos em História Ibérica Moderna (GEHIM). Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq) do projeto intitulado “Novissima orbis monarchia: Pensamento e conceitos na obra *Oratio Supplicatoria* de Mercurino de Gattinara (1516)” Contato: renatoluizobernardino@usp.br

Entre o restaurar e o porvir: o conceito de “Império” no discurso *Responsiva Oratio* de Mercurino de Gattinara (1519)

Renato Luiz de Oliveira Bernardino

Introdução

Na introdução do primeiro volume da coleção *New Cambridge Modern History* de 1957, Denys Hay aponta que a historiografia política do século XIX via o final da Idade Média e começo da Idade Moderna como o momento de emergência de características modernas, como o Estado-Nação (HAY, 1957, p. 1). A noção deste período como um momento crucial para a história dos Estados-Nações estaria inscrita em um processo tido como linear e teleológico, direcionado para a formação destes. Como aponta Juan Carlos d'Amico, entretanto, tal processo estaria longe de se concretizar, uma vez que o início do século XVI ainda é palco de diversas mudanças no campo da política, ética, religião e moral (AMICO, 2012). Assim, atores históricos elaboraram no começo da modernidade projetos políticos de natureza que se diferiam um dos outros quase que radicalmente: os escritos de Maquiavel, caracterizados pelo realismo político, eram contemporâneos ao projeto político universalista do chanceler do Imperador Carlos V, Mercurino de Gattinara.

Segundo John Headley, Gattinara estaria identificado com a tradição política medieval gibelina ao formular seu projeto político, uma vez que era norteado pelas noções de renovação do Império, um senhor (ou soberano) único para o mundo e a instituição de uma era de justiça e paz (HEADLEY, 2016, p. 47). Nesse sentido, a noção de uma monarquia universal conduzida pelo Imperador se opunha às tentativas de constituição de Estados soberanos, ou seja, que detinham independência política em relação uns aos outros. Quentin Jouanville diagnosticando uma ausência de trabalhos historiográficos acerca deste ator histórico durante o século XIX, então traz

Entre o restaurar e o porvir: o conceito de “Império” no discurso *Responsiva Oratio* de Mercurino de Gattinara (1519)

Renato Luiz de Oliveira Bernardino

a hipótese que Gattinara, traçando seu projeto político universalista, suscitou pouco interesse na historiografia durante “a época de ouro das nações e imperialismo”¹ (JOUANVILLE, 2018, p. 15). O interesse por Mercúrio de Gattinara surge apenas no começo do século XX, com a compilação de diferentes documentos pelo erudito piemontês Carlo Bornate, ainda que o identificando como um patriota italiano (Ibidem). A partir da década de 1940 é possível ver um aumento do interesse acerca de suas ideias e seu papel na corte do Imperador Carlos V, tanto sua identificação pelo historiador alemão Karl Brandi como um ator onnipresente quando pelo espanhol Ramón Menéndez Pidal que o coloca como um agente histórico de pouca relevância (JOUANVILLE, 2018, p. 15; GERBIER, 2009, p.94).

Nascido em 1465 em uma família da baixa nobreza piemontesa na comuna de Gattinara, Mercurino Arbóreo recebeu durante sua juventude uma forte educação jurídica, tendo concluído seu doutorado em direito na Universidade de Turim. Sua atuação jurídica rapidamente o levou para a corte Habsburgo de Margarita de Áustria, filha do Imperador Maximiliano I. Lá, foi indicado como presidente do Parlamento de Dole no ducado da Burgúndia, onde atuou até 1515. Após um período de reclusão no mosteiro de Nossa Senhora de Scheut, Gattinara é escolhido como chanceler do jovem rei Carlos I em 1518, após a morte do último de seu antecessor no cargo, Jean de Sauvage, ocupando este até sua morte em julho de 1530.

A intrusão de Gattinara enquanto chanceler nessa época implicava em uma série de problemas dentro da corte. O piemontês era visto pelos conselheiros mais próximos do rei Carlos como uma escolha arbitrária

¹ Publicada na revista *Erytheis* em 2008.

**Entre o restaurar e o porvir: o conceito de “Império” no discurso
Responsiva Oratio de Mercurino de Gattinara (1519)**

Renato Luiz de Oliveira Bernardino

externa, e que, portanto, fazia de Gattinara uma figura com pouco prestígio dentro daquele círculo, muito mais próximo do chanceler anterior, Jean le Sauvage (RODRIGUEZ, 2024, p. 20). Além disso, Carlos havia recém-herdado de Fernando I os domínios submetidos às coroas de Aragão e Castela, o que inclui territórios não só na península ibérica como também na Itália. A situação patrimonial, no entanto, era vista por Jean le Sauvage e outros membros da corte como um contexto político extremamente delicado e que a sucessão de Maximiliano na dignidade sacro-imperial poderia comprometer a integridade de seus domínios (RIVERO RODRIGUEZ, 2024, p. 21). Portanto, a chancelaria anterior a Gattinara mantinha uma posição resistente à pressão do restante da Casa de Habsburgo em se comprometer com a sucessão do Sacro Império.

Por outro lado, desde 1516, o interesse pela dignidade imperial era manifestado pelo soberano da França, Francisco I. A candidatura de um soberano externo à Casa de Áustria e o envelhecimento de Maximiliano colocava mais pressão acerca da sucessão imperial por Carlos I. Além disso, a corte de Carlos sofre um revés em 1518 com a morte de Sauvage, e necessitam recorrer a Maximiliano para garantir sua permanência política, que exige que Carlos aceite o título de rei dos Romanos e que o falecido chanceler seja sucedido por um homem de sua confiança, Mercurino de Gattinara (RIVERO RODRIGUEZ, 2024, p. 21). Portanto, a partir de 1518, são costurados uma série de acordos financeiros e patrimoniais com objetivo de garantir a sucessão imperial para o jovem Habsburgo. Com o triunfo de Carlos I em relação a Francisco I da França, uma delegação dos príncipes-eleitores do Sacro-Império é enviada em novembro de 1519, que é

Entre o restaurar e o porvir: o conceito de “Império” no discurso *Responsiva Oratio* de Mercurino de Gattinara (1519)

Renato Luiz de Oliveira Bernardino

recebida em Molins del Rey, aos arredores de Barcelona, para apresentação do decreto oficial de sua eleição. Após o discurso de Bernardo de Worms em nome da delegação de eleitores, Mercurino de Gattinara, chanceler do Imperador recém-eleito, realiza seu discurso *Responsiva Oratio* acerca da escolha do Imperador (GERBIER, 2008, p. 96).

Ambos os discursos são registrados por Maximilianus Transylvanus na *Delegação ao sagradíssimo e invicto César o bem-aventurado Carlos sempre Augusto* (*Legatio ad sacratissimum ac invictum Caesarem Divum Carolum Semper Augustum*), publicado no fim de 1519 em Anvers por Johannes Thibault. O presente trabalho se utiliza da tradução francesa da *Responsiva Oratio* feita pelo filósofo Laurent Gerbier². A tradução se baseia na segunda edição da *Legatio* (publicada em 1520 em Augsburg por Sigismund Grimm e Max Wirsung) e na *Rerum Germanorum Scriptres aliquot insignes* (publicada por Marquard Freher em Estrasburgo em 1717).

Disputas do conceito de Império durante a Alta Idade Moderna

Tanto as condições de enunciação do discurso quanto seu conteúdo mostram então que o principal tema abordado por Gattinara é sobre a ideia de Império, o que o Império seria antes da escolha imperial e o que passaria a ser. No entanto, é evidente que a noção de Império tem raízes profundas no vocabulário político da época, remontando à Antiguidade Clássica. De origem latina, a palavra Império (*imperium*) designava no período clássico não uma forma particular de poder, mas sim era definido

² “Gattinara reste cependant profondément ignoré. Peut-être parce que, en cet âge d’or des nations et de l’impérialisme européen, son discours sur la monarchie universelle de Charles Quint qui offrait une destinée commune aux peuples chrétiens ne suscitait que peu d’intérêt.” (JOUANVILLE, 2018, p. 15)

Entre o restaurar e o porvir: o conceito de “Império” no discurso *Responsiva Oratio* de Mercurino de Gattinara (1519)

Renato Luiz de Oliveira Bernardino

como a autoridade ou o exercício dela (Oxford Latin Dictionary, 1968). Sua identificação com uma forma de governo ou entidade política se dá então no período medieval, em que “império” se torna sinônimo do Império Romano, evidenciado na obra *Etimologias* de Isidoro de Sevilha, onde imperador é associado com a ideia de romanidade (ISIDORO, 2010 p. 200).

Em outro caso, no natal de 800, ocorre o renascimento do título de Imperador na Europa Ocidental com a coroação de Carlos Magno pelo papa Leão III após a derrota dos lombardos. Entretanto, segundo o historiador James Muldoon, a coroação provoca uma clivagem de interpretações acerca do significado do título imperial. Para Carlos Magno, a coroação como cabeça do Império seria apenas um título que refletia sua posição de hegemonia naquele momento, associada à extensão territorial do reino Franco, de modo que o entendimento carolíngio do império implicava que qualquer um poderia reclamar o título de imperador. Já Leão III parecia encontrar uma outra acepção para o Império profundamente associado com a romanidade, de tal forma, que o Império Romano estaria renascido na figura de Carlos Magno (MULDOON, 1998, pp. 24-26).

Em períodos medievais posteriores, o “Império” se torna uma referência para a entidade política do Sacro Império Romano, que se via como herdeira do título conferido a Carlos Magno e que carrega em seu seio as pretensões de universalidade, romanidade e de ser uma instituição sacra-paralela a Igreja. Frente a decadência política do Sacro-Império aos finais da Idade Média, sua pretensão universal e de liderança secular da cristandade paralela ao Papado vai gradualmente desaparecendo, com sua

Entre o restaurar e o porvir: o conceito de “Império” no discurso *Responsiva Oratio* de Mercurino de Gattinara (1519)

Renato Luiz de Oliveira Bernardino

autoridade política se confinando aos domínios germânicos (MULDOON, 1998, p. 42). No alvorecer da Idade Moderna, entretanto, a palavra “Império” não deixa de ser presente no vocabulário político europeu.

Assim, os diferentes significados que o Império passou a adquirir no começo da Idade Moderna são objeto de estudo do historiador francês Romain Descendre. Para ele, a oposição dos conceitos de Estado e Império criados pela historiografia política recente não se refletiria no momento de fundação da política moderna, a Itália dos séculos XVI e XVII (DESCENDRE, 2015, p. 58). Para ele, durante esse período, não haveria oposição entre “Estado” e “Império”, uma vez que o conceito de Império seria base e atravessaria o pensamento político da península acerca da ideia de Estado. Assim, Estado e Império passam a fazer parte do mesmo campo semântico (DESCENDRE, 2015, p. 58). Um caso da mobilização conjunta dos dois conceitos seria o pensador florentino Maquiavel. Ele teria então atribuído ao Império uma recuperação do seu sentido latino de “autoridade”, ou seja um poder de comando juridicamente estabelecido, colocado como uma estrutura dentro de uma definição de Estado:

“Assim, o Império designa o poder supremo de comando, qualquer que seja sua forma, e assim ele faz parte da definição de Estado, mas a própria temática imperial - a aquisição de novos territórios políticos, ‘como membros acrescidos ao Estado’ - não se distingue da reflexão sobre o Estado”. (DESCENDRE, 2015, p. 59)

Assim, o império para Maquiavel é uma entidade política que não se diferencia do Estado, sendo esta noção política definição complementar a este, no sentido que todo o Estado pode ser nomeado como um Império no momento em que sua autoridade é exercida sobre territórios novos ao Estado que não o pertenciam originalmente (DESCENDRE, 2015, p. 59).

Entre o restaurar e o porvir: o conceito de “Império” no discurso *Responsiva Oratio* de Mercurino de Gattinara (1519)

Renato Luiz de Oliveira Bernardino

Logo, o conceito de Império que encontra-se nos escritos políticos de Maquiavel só pode ser pensado a partir da ideia de Estado, de maneira que há uma complementaridade entre as duas noções.

Descendre então realiza um contraste entre essa complementaridade entre Império e Estado pensado por Maquiavel com o conceito de Império formulado pelo seu contemporâneo Mercúrio de Gattinara. Enquanto o florentino pensava o Império atrelando seu sentido ao território e a autoridade sobre este, o piemontês retomava concepções jurídicas medievais, de maneira que não seria possível uma reflexão política que concebesse Estado e Império como um par conceitual complementar (DESCENDRE, 2015, pp. 66-67), como veremos a seguir na análise do discurso pronunciado frente a comitiva dos Príncipes-eleitores a partir do conceito de “Império”.

O conceito enquanto objeto de trabalho aqui se vale das contribuições do teórico alemão Reinhart Koselleck para o campo da História Conceitual (ou História dos Conceitos). Para ele, o conceito, para além de uma palavra, carrega em si um sentido polissêmico possível de agregar circunstâncias políticas-sociais, contendo assim, uma exigência de generalização, como por exemplo as palavras “Estado”, “Democracia” (KOSELLECK, 2020, p. 109). Concentrando então uma pluralidade de significados que remetem a um plano extra-linguístico, como sistemas filosóficos, estruturas sociais, um conceito se torna controverso, sendo incapaz de se estabelecer um monopólio interpretativo acerca dele. Deste modo, a história dos conceitos investiga “como, quando, onde, por quem, para quem são conceitualizadas intenções e estado das coisas”

Entre o restaurar e o porvir: o conceito de “Império” no discurso *Responsiva Oratio* de Mercurino de Gattinara (1519)

Renato Luiz de Oliveira Bernardino

(KOSELLECK, 2020, p. 108). Dessa maneira, a história conceitual enfatiza a sincronia, ou seja na interpretação diversa dos conceitos em um mesmo plano temporal, mas também a diacronia, o seu uso escalonado no tempo (Ibidem). Assim, ela trabalha com a permanência e alteração dos significados associados a um conceito, de modo que o conceito apresenta uma temporalização interna e uma profundidade histórica.

Considerando a profundidade histórica dos conceitos, é possível uma articulação com duas categorias meta-históricas esboçadas por Koselleck: espaço de experiência e horizonte de expectativa. A primeira se relacionaria com a “experiência”, ou seja, um passado atual, na qual os acontecimentos do passado se acumulam e são revividos no presente (KOSELLECK, 2006, p. 309). Nesse sentido, sua forma de aglomeração se daria de uma forma espacial, formando uma estratificação temporal, onde “tempos anteriores estão simultaneamente presentes, sem que haja referência a um antes e um depois” (KOSELLECK, 2006, p. 311). Portanto, não seria uma forma de acumulação aditiva, mas sim uma sobreposição de camadas de experiências que se relacionam entre si (KOSELLECK, 2006, p. 313).

Retomando a dimensão linguística, o conceito, enquanto dotado de uma temporalidade interna, também então teria em si um espaço de experiência. Nesse sentido, cada conceito teria em si um conjunto de experiências, que podem ser os diferentes significados atribuídos a seu significante (ou seja, o signo vocálico). Assim, o conceito articularia um espaço de experiência e portanto, um conjunto de camadas (ou estratos) de significado que se sobrepõem e se encontram de forma vivas, de

Entre o restaurar e o porvir: o conceito de “Império” no discurso *Responsiva Oratio* de Mercurino de Gattinara (1519)

Renato Luiz de Oliveira Bernardino

maneira que ao ser utilizado, essas experiências ou significados são lembrados.

No texto de Descendre, podemos ver que tanto Mercurino de Gattinara quanto Maquiavel tem em seus diferentes usos do conceito de Império diferentes estratos de significado dentro do espaço de experiência revividos, ou seja, diferentes acepções são resgatadas e transformadas. Enquanto Maquiavel articula um sentido original latino da palavra “Império” em uma defesa da necessidade de alargamento das unidades políticas territoriais, Gattinara retoma o seu sentido de Império com base na literatura jurídica medieval (DESCENDRE, 2015, p. 66). Portanto, o conceito de Império se torna então um “saturado de presentes” de seus usos e significados da palavra original: O Império para o florentino retoma para si parcialmente a semântica da palavra na antiguidade romana, enquanto aquele elaborado pelo piemontês resgata em suas variadas camadas de significado da literatura jurídica medieval.

Entretanto, em razão de um sentido polissêmico do conceito de Império na Modernidade, é também preciso se atentar que sua utilização é sujeita a mutações até mesmo dentro do projeto político de Gattinara. Segundo Joinville, o *imperium* de Gattinara constitui base de um programa que não é fixo, mas uma expressão de concepções plurais em constante redefinição (JOUANVILLE, pp. 11-12). Então, o procedimento metodológico na análise conceitual não pode se valer de uma investigação acerca dos diferentes estratos de significação concatenados dentro da mobilização do conceito de Império. É necessário portanto, considerando a temporalização interna da unidade linguística categorizada como

**Entre o restaurar e o porvir: o conceito de “Império” no discurso
Responsiva Oratio de Mercurino de Gattinara (1519)**

Renato Luiz de Oliveira Bernardino

“conceito”, uma avaliação não só do passado semântico mobilizado por ela, mas também o projeto de futuro que ela carrega consigo, categoria que Koselleck denomina como o Horizonte de Expectativa, ou seja, uma esperança que se realiza no presente, um “futuro presente, voltado para o ainda-não” (KOSELLECK, 2006, p. 310). Ainda que esse projeto de futuro se mantenha semelhante conforme os usos da palavra pelo mesmo enunciador, seus efeitos retóricos imediatos variam, de tal maneira que sua mensagem se modifica perante a antecipação da sua recepção, o que Pierre Bourdieu chamou de “antecipação dos lucros” (BOURDIEU, 2022, pp. 64-65).

Na pronúncia do discurso *Responsiva Oratio*, Gattinara utiliza desses “passados” e “projetos de futuro” inscritas dentro do conceito de Império (*Imperium*) na disputa política frente à eleição imperial de Carlos V. No início do discurso, vemos ser evocado o símbolo imperial da águia bicéfala, que o chanceler articula com o sol nascente e poente: enquanto uma cabeça da águia estaria versada ao ocidente, assistindo o crepúsculo, a outra visava a aurora ao oriente. Continuando, Gattinara demonstra que o sol seria uma alusão ao título imperial, tendo em vista o recente falecimento do Imperador Maximiliano I e a eleição de seu neto Carlos, concluindo então, que ao perfazer o seu ciclo, o título imperial nunca morre, de tal forma que o sol na passagem também sempre se encontra no céu. Na interpretação de Laurent Gerbier, esta passagem teria em seu eixo uma referência a territorialidade ou pelo menos a dimensão geográfica do império. Este propõe que tanto o sol a oriente quanto o sol a ocidente poderiam se relacionar com a nova extensão territorial sobre o

Entre o restaurar e o porvir: o conceito de “Império” no discurso *Responsiva Oratio* de Mercurino de Gattinara (1519)

Renato Luiz de Oliveira Bernardino

título imperial, de tal forma que tanto os territórios do Novo Mundo, ao oeste, como a Germânia, ao leste, estariam sob o mesmo soberano (GERBIER, 2008, p. 106). Então, se tomarmos esta interpretação, poderíamos encontrar aspectos semelhantes entre os conceitos de Império de Gattinara e Maquiavel.

Para além do aspecto de extensão territorial, a passagem da águia bicéfala parece evocar a ideia de perpetuidade da instituição imperial, de tal forma que ela se encontra conservada desde o Império Romano histórico, de maneira que Carlos V nada se difere de Augusto. Isto se evidencia pela forma que Gattinara se dirige a figura do imperador, se referindo a ele diversas vezes como César (*Caesar*) ou como cesáreo (*Caesarea*), mas também quando o chanceler o compara com os imperadores romanos ao falar que “nosso César, mais bem aventurado que Augusto, melhor que Trajano” (*noster Caesar. felicior Augusto, Traiano melior*). Portanto, Gattinara parece enxergar o Império como uma instituição sempiterna, ou perpétua, de maneira que o Império Romano continua a existir.

Assim, se encontra dentro do pensamento de Gattinara uma influência do direito medieval através da máxima *Imperium semper est* (“o Império sempre é). Isto é, o Império enquanto instituição fundada por Deus (conforme se encontra no direito justiniano), se mantém perpétuo assim como a Igreja, ambos destinados a durar até o fim dos tempos, de maneira que podemos encontrar uma fusão do Império de Cristo e o Império Romano (KANTOROWICZ, 1998, pp. 181-182; BOSBACH, 2016, p. 83). Essa relação se encontra no discurso de Gattinara com a retomada do

Entre o restaurar e o porvir: o conceito de “Império” no discurso *Responsiva Oratio* de Mercurino de Gattinara (1519)

Renato Luiz de Oliveira Bernardino

argumento de Dante acerca da aprovação do Império por Deus através do nascimento e morte de Cristo sobre a legislação romana (ALIGHIERI, p. 90-91), mas também com a alusão a uma instituição estabelecida unicamente por Deus: “Império por deus só instituído (...) pelo Salvador Cristo, nascendo e morrendo, aprovado” (*Imperium a solo deo institutum (...) a salvatore christo nascente & moriente approbatum*).

O caráter divino do Império se mescla com o modo procedido na escolha do novo Imperador pelos príncipes-eleitores. Segundo Gattinara, os eleitores eram “divinamente inspirados” (*electoribus ad id divinitus inspiratis*), que em um prudentíssimo concílio (*prudensissimum consilium*), votaram em consenso unânime (*unanimi consensu*) acerca do novo Imperador. A unanimidade seria motivada por uma sabedoria e prudência dos príncipes eleitores nas considerações das coisas passadas, presentes e futuras, uma consideração não só pela História da instituição imperial, mas também com a missão divina do Império, que ao compreender os erros do passado, os problemas do presente e as necessidades do futuro, escolhem o candidato mais apto, aquele que seria capaz de “restaurar o Império” (*Imperium restaurare potest*).

Não só por uma inspiração divina, mas a unanimidade evocada por Gattinara como um aspecto positivo na escolha do sucessor de Maximilia encontra um paralelo na unidade divina e imperial. Tendo em vista um Deus uno, sua vontade seria manifestada de maneira a não conceder uma multiplicidade de opiniões, e portanto, a unidade da opinião é um reforço da própria divindade do Império. A própria instituição imperial seria reflexo da unicidade divina, tendo em vista sua autoridade perpétua e universal,

Entre o restaurar e o porvir: o conceito de “Império” no discurso *Responsiva Oratio* de Mercurino de Gattinara (1519)

Renato Luiz de Oliveira Bernardino

que não coexiste com nenhuma outra, como será abordado mais adiante. Portanto, a escolha prudente e divinamente inspirada para o candidato mais apto a restauração é paralela a própria condição divina e imperial: una e indivisível.

O tema da restauração encontra aqui uma dupla consideração, uma vez que condensa em si três níveis de temporalidade, ela é tanto o retorno quanto o advir. Restaurar para Gattinara é pensar na história do Império Romano, dividido por Carlos Magno, e que portanto perdeu sua unidade, mas que então, demanda um diagnóstico e uma ação no presente. Nesse sentido, o Império “passado” e “presente” não podem ser também diferenciados, tendo em vista que não se trata de uma nova construção política que busca resgatar aquela historicamente já perdida, mas sim de “re-emplumar a águia”, isto é, reconstruir uma instituição perpétua e divina que se encontra em estado avariado. Portanto, essa recuperação do Império, antes de uma re-fundação deste, é conduzida pelos príncipes-eleitores visando o cumprimento de um futuro, tendo em vista sua articulação em três temporalidades.

Para a tarefa de restauração (*restauratio*), a unanimidade dos eleitores, como já dito, teria escolhido um meio para o cumprimento dela, que seria a figura do Imperador, aquele que portava o título Imperial. Entretanto, é importante considerar que Gattinara parece realizar uma distinção entre o soberano antes e depois da eleição. O imperador antes de sua eleição não tem seus direitos garantidos por sua linhagem, ainda que seja reforçado no discurso um caráter positivo acerca dela, de maneira que o imperador não havia sido destinado a escolha de portar o título. Antes

Entre o restaurar e o porvir: o conceito de “Império” no discurso *Responsiva Oratio* de Mercurino de Gattinara (1519)

Renato Luiz de Oliveira Bernardino

disso, Gattinara parece dar maior ênfase para o caráter de avaliação dentro da escolha dos príncipes-eleitores, ainda que transponha para o plano divino uma inspiração para a virtude deles da prudência. Isto se deve em razão de após elogiar a unanimidade dos príncipes-eleitores, Gattinara apontar para as virtudes (*virtutes*) do Imperador recém-eleito, ou seja, suas características físicas, como sua jovialidade, e morais como a justiça, clemência e liberalidade, sendo estranho a degradação dos vícios. Dentre essas virtudes, Gattinara elogia a capacidade do Imperador não desejar nada “ardentemente”, podendo assim dar satisfação aos eleitores, pois então seria possível o imperador cumprir suas obrigações. Portanto, para Gattinara, são nessas características, que ele adjetiva como virtudes, que reside no Imperador a adequação para o cumprimento dessa restauração do Império, e assim, é no soberano virtuoso, bem percebido pelos eleitores, que encontra a força do cumprimento dessa missão.

Como dito anteriormente, a própria restauração evoca dentro de si as três temporalidades (passado, presente e futuro), tendo em vista o reconhecimento da historicidade da instituição, mas também como seus problemas contemporâneos e sua missão ou deveres a cumprir. Gattinara enumera os encargos sujeitos ao Império, como o desenvolvimento da fé cristã, a perpetuação da Sé Apostólica e a exterminação dos infiéis. Tais deveres e tarefas teriam como resultado a concretização da passagem do livro de João “que se faça uma ovelha e um pastor” (*ut fiet unum ovile et unus pastor*) (João 10:16). O conceito de Império aqui então estaria imbricado em uma lógica universalista, tendo em vista sua tarefa de manutenção da Igreja Católica, de maneira que parece evocar a concepção

Entre o restaurar e o porvir: o conceito de “Império” no discurso *Responsiva Oratio* de Mercurino de Gattinara (1519)

Renato Luiz de Oliveira Bernardino

medieval do Império como uma instituição acima da Igreja nos assuntos seculares (BOSBACH, 2016, p. 83), mas também como o exercício de sua autoridade sobre toda a república cristã (*reipublica*).

Nesse sentido, é possível retomar a noção da unicidade paralela ao divino. O Império possuía uma autoridade temporal universal sobre toda a cristandade, e ela sendo não só instituída divinamente, como também aprovada pelo nascimento e morte de Cristo. Nessa lógica, o não reconhecimento do Império como possuindo essa autoridade acarreta então em um desvio na interpretação no que aquilo que Gattinara considera expresso pelo cânone bíblico, ou seja, uma heresia. Essa implicação parece estar em sintonia com as elaborações do jurista tardo-medieval Bartolo de Sassoferrato (MONATERI, 2018, p. 48), da qual certamente é sabido que Gattinara tinha conhecimento (HEADLEY, 2016, p. 64). Portanto, a justificação do Império enquanto instituição divina aqui tem um efeito retórico de contra-argumentação à contestação de sua legitimidade.

Não só o Imperador deve preservar e atender os interesses dessa república, mas Gattinara também comenta sobre o Imperador dever “poder governar corretamente” (*recte possit gubernare*), para que se concretize uma época de paz e justiça (*iustitia & pax*). As relações entre a universalidade da autoridade do Império assim como as noções de paz sob esta parecem evocar o argumento presente no tratado *Da Monarquia* de Dante Alighieri. Ao colocar em evidência o gênero humano (*humanitas*), o florentino se vale de um embasamento aristotélico na formulação de seu conceito de Império: Se tudo o que existe está direcionado para alguma

Entre o restaurar e o porvir: o conceito de “Império” no discurso *Responsiva Oratio* de Mercurino de Gattinara (1519)

Renato Luiz de Oliveira Bernardino

finalidade, portanto convém que uma coisa governe e regule as outras e que as ordene para que cumpram essa finalidade. Logo, se o fim último é a felicidade, então é necessário que haja alguém que regule e ordene as ações para que ela seja atingida:

“Agora, ainda: É certo que todo o gênero humano está ordenado a um fim, como já foi demonstrado; por conseguinte, convém que haja um que mande, ou reine: e este deve ser chamado Monarca ou Imperador. E assim, torna-se evidente que, para o bem do mundo, é necessária a monarquia, ou seja o Império.” (ALIGHIERI. p. 34)

Sendo para o florentino a humanidade uma só, portanto, ela estaria ordenada a um único fim, de maneira que seria necessário um único condutor, tendo em vista que “o que pode ser feito por um, melhor por um do que por muitos” (ALIGHIERI, p. 49). Assim, o conceito de Império implicado na obra de Dante é o entendimento de um Império universal, que seria conduzida por um único soberano (monarca ou imperador) que teria por função guiar a humanidade para a tranquilidade da paz, para que nela seja atingida a beatitude temporal, o bem último da humanidade em geral (*humanitas*). (Ibid, pp. 32-24).

Ainda que Gattinara reformule o pensamento de Dante no discurso, retirando as dimensões mais seculares e extra-cristãs implicadas na lógica do florentino (KANTOROWICZ, 1998, p. 281), o chanceler mantém em evidência uma a função do Império enquanto entidade política universal e para-eclesiástica para a concretização de um período de paz. Essas relações no discurso do chanceler parece implicar em uma recuperação da tradição milenarista medieval do Imperador do Fim dos Tempos, ou seja, aquele soberano que unificando a cristandade e inaugurando uma era de

Entre o restaurar e o porvir: o conceito de “Império” no discurso *Responsiva Oratio* de Mercurino de Gattinara (1519)

Renato Luiz de Oliveira Bernardino

beatitude temporal, antecede o início do fim da História (REEVES, 1993, pp. 298-302). Entretanto, esta missão histórico-divina do Império foi transposta para além da figura de Carlos V, em razão da menção de que ao governar corretamente, ele, além da restauração do Império, iria garantir a sucessão e perpetuação do Império. Portanto, o conceito de Império aqui implica em uma tarefa que une as esferas temporais e espirituais do poder, tendo em vista o encargo de desenvolvimento da fé, mas deixa também implicado essa tarefa divino-histórica de realização de um tempo de paz e justiça.

Conclusão

Mercúrio de Gattinara então retoma alguns elementos do pensamento medieval dentro de seu conceito de Império, ainda que esteja consciente de transformações que ocorrem em sua contemporaneidade. Isto, por exemplo, mas em menor grau, se torna claro ao falar da manutenção da Sé Apostólica como uma tarefa do Império, principalmente no ano em que dentro do reduto germanico dos domínios dos Habsburgos, Martinho Lutero inicia seu movimento de contestação do papado. Ao mesmo tempo, a utilização do termo Império em seu sentido mais universal parece expandir a autoridade de Carlos V para além da entidade política do Sacro-Império. A utilização de um conceito de Império amplo e universal então poderia ter seus efeitos mais imediatos, apontado por Gerbier, enquanto a mobilização deste ocorre dentro de uma retórica de legitimação e de fornecimento de uma coesão ideológica no acúmulo de reinos e territórios pelo Imperador Carlos V (GERBIER, 2008, p. 95). Além disso, ao pensar o Império enquanto um poder instituído

**Entre o restaurar e o porvir: o conceito de “Império” no discurso
Responsiva Oratio de Mercurino de Gattinara (1519)**

Renato Luiz de Oliveira Bernardino

divinamente, Gattinara fornece um sustento teórico para essa coesão que caso não se reconheça sua autoridade e legitimidade, implica no acometimento na negação do cânon bíblico.

Entretanto, o discurso pronunciado e o conceito de Império mobilizado por Gattinara encontra um movimento duplo. Ao mesmo tempo que ele é usado para justificar em um âmbito amplo a diversidade de domínio de Carlos, Gattinara utiliza seu discurso enquanto uma plataforma para se afirmar dentro da corte de Carlos V. Como foi dito anteriormente, o círculo mais próximo ao soberano era identificado ideologicamente com o chanceler antecessor, e via Gattinara enquanto uma intrusão externa alinhado aos interesses de Maximiliano. Por conseguinte, não só por uma diferença ideológica, mas também por ter sido empossado recentemente ao cargo de chanceler, sua situação política dentro dos quadros da corte eram instáveis. Portanto, no ato de enunciação do discurso, o piemontês, procura não só justificar a autoridade de Carlos enquanto Imperador, mas também sua própria autoridade dentro da chancelaria ao apresentar um pensamento coerente e legitimador daquele ordenamento patrimonial conseguido.

Assim, o “Império” enquanto conceito mobilizado pelo chanceler, principalmente a partir das inúmeras camadas de significado que ele possui, cuja a semântica é herdeira parcialmente das elaborações medievais, parece apontar para um futuro, um horizonte de expectativa dentro dessa tensão no alargamento dos domínios. Seu conceito de Império, para além de sua função retórica imediata, teria em seu horizonte o estabelecimento de uma era de paz e justiça, de união da cristandade

**Entre o restaurar e o porvir: o conceito de “Império” no discurso
Responsiva Oratio de Mercurino de Gattinara (1519)**

Renato Luiz de Oliveira Bernardino

sob um só soberano, inspirado por esperanças milenaristas, e que inscreve todos aqueles submetidos a Carlos V enquanto participantes de um drama histórico-divino.

Entre o restaurar e o porvir: o conceito de “Império” no discurso *Responsiva Oratio* de Mercurino de Gattinara (1519)

Renato Luiz de Oliveira Bernardino

Referências bibliográficas

ALIGHIERI, Dante. *Da monarquia*; tradução e estudo introdutório de João Penteado E. Stevenson. São Paulo: Ediouro, [s.d.].

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: Edusp, 2022.

BOSBACH, Franz, The European debate on Universal Monarchy. In: ARMITAGE, David (Org). *Theories of empire, 1450-1800*. Londres: Routledge, 2016.

DESCENDRE, Romain. *A politização do mundo*. Campinas: Editora da Unicamp, 2015.

D'AMICO, Juan Carlos. Gattinara et la « monarchie impériale » de Charles Quint. Entre millénarisme, translatio imperii et droits du Saint-Empire. *Asterion*, t.10, 2012.

GERBIER, Laurent. Les raisons de l'empire et la diversité des temps. Présentation, traduction et commentaire de la “responsiva oratio” de Mercurino Gattinara prononcée devant la légation des princes-électeurs le 30 novembre 1519. *Erytheis*, n. 3, p. n.p., 2008.

HEADLEY, John M. The Habsburg World Empire and the revival of ghibelinism. In: ARMITAGE, David (Org). *Theories of empire, 1450-1800*. Londres: Routledge, 2016.

HAY, Denis. Introduction. In: *New Cambridge Modern History: Volume 1 The Renaissance (1493-1520)*. Cambridge: Cambridge Press, 1957.

ISIDORO. *The etymologies of Isidore of Seville*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

JOUANVILLE, Quentin. *Jardin de l'Empire et clef de la monarchie universelle : l'Italie au cœur du projet de Mercurino Gattinara*. 2018. 721 f. Doutorado em História. Université de Lorraine; Université de Liège, 2018.

KANTOROWICZ, Ernst. *Os dois corpos do rei: um estudo sobre teologia política medieval*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

**Entre o restaurar e o porvir: o conceito de “Império” no discurso
Responsiva Oratio de Mercurino de Gattinara (1519)**

Renato Luiz de Oliveira Bernardino

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado*: contribuição à semântica dos tempos históricos. Trad. Wilma Patrícia Maas & Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-RJ, 2006.

_____. Histórias de conceitos: estudos sobre a semântica e a pragmática da linguagem política e social. Trad. Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020.

MONATERI, Pier Giuseppe. *Dominus mundi*: political sublime and the world order. Oxford ; New York: Hart, 2018.

MULDOON, James. *Empire and order*: the concept of empire, 800-1800. Houndmills: Macmillan Press, 1999.

REEVES, Marjorie. *The Influence of Prophecy in the Later Middle Ages: A Study in Joachimism*. Notre-Dame: University of Notre Dame Press, 1993.

RIVERO RODRÍGUEZ, M. *Felipe II, la tercera vía y la monarquía universal*. Valladolid: Universidad de Valladolid, 2024.

Imperium. In: *Oxford Latin Dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 1968.

Entre o restaurar e o porvir: o conceito de “Império” no discurso *Responsiva Oratio* de Mercurino de Gattinara (1519)

Renato Luiz de Oliveira Bernardino

ANEXO A - Tradução do discurso *Responsiva Oratio* a partir da versão editada em francês por Laurent Gerbier³

“Majestade Católica, Cesárea e mais sagrada: nessas coisas que vieram a ser propostas verbalmente ou manifestadas por escrito, nós podemos discernir a imagem da águia imperial. Do mesmo efeito que a águia é representada com duas cabeças, uma versando ao oriente, a outra ao ocidente; de mesmo esse discurso pronunciado pelo nome dos príncipes eleitores no estilo o mais elegante, também o decreto da eleição fixado por escrito, parecem as suas maneiras possuir duas cabeças na concepção e na distinção de suas ideias mais fundamentais. Certamente, uma toca as sombras do sol poente, que lembra e comemora a dolorosa morte do divino Cesar Maximiliano; no entanto, a outra indica os raios do sol nascente, quando por decreto de eleição, ela anuncia e promulga a restauração do Sacro Império Romano. Portanto, nós abraçados com a primeira cabeça, do sol nascendo, nos lembrando a perda pública assim como privada, nós tendemos a chorar ainda esta mesma morte do Cesar Maximiliano, e nos parecemos reviver uma ferida quase que fechada. E este verso de Virgílio nos retorna: “*ante diam clauso componet vesper olimpo*”. pois assim também a morte ela mesmo não saberia ser reparada pelas lágrimas, pelos suspiros e pelos soluços. A ele permanecerá a consolação de uma vida de boas ações, em tanto que a considerará como a retirada das tribulações deste século e elevado a via perene: de sorte que nós dizemos que Maximiliano não está morto, mais sempre vivo, e que consigo o sol não está posto, mas percorreu todo seu trajeto para vir a uma nova e verdadeira luz. Mas a segunda cabeça, aquela do sol nascente, é evidentemente esse acordo unânime dos príncipes eleitores sobre a pessoa de vossa Majestade, acordo que não reuniu a ambição, mas algum comando divino, e que pode ser consignado por vossos oradores, vossos procuradores e vossos embaixadores. Todavia, vossa Majestade é conduzida, para o receber e o abraçar, como o divino Cesar Augusto ele mesmo, o primeiro a ser elevado ao Império por acordo do senado e do povo de Roma. Como Valério Messala, enviado pelo senado, o saudava por suas palavras: “que a alegria e prosperidade sejam sobre ti e sobre tua casa,

³ Tanto a versão editada em latim quanto a versão traduzida para o francês estão disponíveis em seu artigo “*Les raisons de l’empire et la diversité des temps. Présentation, traduction et commentaire de la “responsiva oratio” de Mercurino Gattinara prononcée devant la légation des princes-électeurs le 30 novembre 1519*” publicado na revista *Erytheis*

Entre o restaurar e o porvir: o conceito de “Império” no discurso *Responsiva Oratio* de Mercurino de Gattinara (1519)

Renato Luiz de Oliveira Bernardino

Augusto, pois o senado, em acordo com o povo de Romano, te designou o nome de pai da pátria”, ele dizia; Augusto, longe de receber com orgulho uma saudação tão gloriosa, respondeu por sua parte ao senado, vertendo suas lágrimas de piedade e gratidão: “tendo obtido a realização de meus desejo, Pais Conscritos, que tenho de mais a perguntar ao deus imortal senão que ele me seja dado de ver durar até o fim de meus dias o acordo entre vocês sobre a saúde e tranquilidade da república?”. E de mesmo seguramente, vosso muito sagrada Majestade, fazendo graça ao muito bom e muito grande Deus assim como aos eleitores (eles mesmos divinamente inspirados) para ter reunido sobre ela tanto de bem-feitos, para não dizer tanto de encargos, considere que nós não devemos solicitar e rezar (falta tradução) que o Altíssimo ele mesmo, que somente ele atribui todas as graças. Então, devemos se conformar ao decreto dos eleitores, e ao encargo imposto ele mesmo, de uma maneira que satisfaça a obediência a Deus: é necessário velar pelos interesses da república; restaurar o santo império, aumentar o desenvolvimento da religião cristã; sustentar a Sé Apostólica; e de mesmo, levar ao porto, são e salvo, o navio de Pedro, por muito tempo jogado pelas ondas; e também buscar a exterminação dos perfídios do nome dos cristãos; e enfim completar a palavra do Salvador ele mesmo “ut fiat unum ovile et unus pastor”. Pois ele nos é prescrito não somente de retribuir aos eleitores do Santo Império as graças que a eles são devidas para si grandes coisas, mas ainda a eles conceder os louvores que eles tem merecidos, nos retornamos então os traços, quase como uma estátua de pedra, ou um obstáculo impenetrável. De feito, comprometer a pronunciar esse elogio aos eleitores e buscar mostrar que tem dentro deles um conselho muito prudente o conhecimento e o exame cuidadoso das coisas passadas, assim como a medida das coisas presentes, sem se esquecer da consideração muto perspicaz das coisas futuras. é verdadeiramente se esforçar de retornar contra esses eleitores a força de seus próprios elogios, colocando mesmo essa força em valor por esses louvores o mais grandes. Que poderíamos conceder de imediato aos eleitores que seja mais digno de ser celebrado, que o mais prudente conselho por aquel que eles julgaram dever escolher um César, conselho que no universo inteiro nada se vê superar nada, eu insisto, nem pelos dons da alma e do corpo, nem pela origem e o sangue, nem pelos amigos e aliados, nem pelos reis e senhores, nem pelo poder e pelas riquezas, nem pelos soldados ou outras gentes de guerras, treinados a server de todas as armas que nós desejamos; nem pelos cavalos ou armas, ou máquinas de guerras cujo sem elas não saberíamos fazer as

Entre o restaurar e o porvir: o conceito de “Império” no discurso *Responsiva Oratio* de Mercurino de Gattinara (1519)

Renato Luiz de Oliveira Bernardino

guerras? Que poderíamos ainda ajuntar que seja mais louvável de suas partes que o esforço de espírito que das coisas passadas, presentes e futuras, sabia a escolha deste futuro Imperador, aquele que poderá restaurar o Império diminuído e quase desaparecido; aquele que re-emplumará a águia; aquele que remediará os erros passados de seus predecessores, que preservará os restos intactos do estado presente, que velará aos interesses de seus sucessores a vir? Que poderíamos enfim a eles concordar que seja digno de um mais grande louvor, que de ter merecido de ser disposto pelo espírito divino ele mesmo, de uma só voz, de um comum acordo, e por um voto unânime, de ter elevado ao governo do Império, este homem, cujo nos temos renhorecidos como apropriado por sua origem e seus modos: nascido na Alemanha, gerado de pais alemães, e de uma linhagem imperial; na flor de sua idade, em pleno vigor de seu corpo, e perfeitamente capaz de gerir qualquer gênero de arma que deseja; ágil, robusto, forte, magnânimo, justo clemente e liberal; impregnado de boas maneiras, todo pleno de todas as outras virtudes, e inteiramente estranho a decadência de todos os vícios, que nele resiste a força de uma grande alma; em que nos vemos se manifestar os modos da idade madura, mas nela mesmo colocadas dentro do corpo juvenil de sorte que então seu ministério, em tempos de guerra como em tempos de paz, pode corretamente governar, e que seja realizado o salmo de Davi: *“iustitia et pax deosculatae sunt”*. Embora nós consideramos a grandeza desse sujeito, nos faltam forças para o louvar, como se nós o julgamos que era obra não humana, mas divina, pois todos os direitos testemunham que o Império foi instituído por Deus só, e que nós lemos ter sido também bem revelado pelos profetas, que aprovado pelo nascimento e morte de Cristo Salvador, pregado pelos apóstolos, e consagrado pelos próprios sagrados cânones. Faça então muito bom e muito grande Deus que desta maneira o Império, dividido por Carlos Magno e várias vezes invadido pelos inimigos da religião Cristã, encontre sob Carlos o Grande, a força de se refundar e de retornar a obediência ao verdadeiro e vivo pastor; e que seja eleito nosso César ele mesmo, mais feliz que Augusto e melhor que Trajano, ele que já não cobiça nada de outro, não deseja nem quer nada ardemente, que de dar satisfação ao voto desses mesmos eleitores na medida de suas forças; de a eles em responder pessoalmente segundo seus méritos; de visitar as outras partes do Império para favorecer sua presença; e de cumprir e observar assim que possível as solenidades instituídas quanto os costumes, daqueles ele espera verdadeiramente, em respeito a eles, uma vinda grande e toda próxima. Agora me resta, Frederico, príncipe palatino do

**Entre o restaurar e o porvir: o conceito de “Império” no discurso
Responsiva Oratio de Mercurino de Gattinara (1519)**

Renato Luiz de Oliveira Bernardino

Reno e Duque da Baviera, a te retornar um discurso, assim como a teus companheiros aqui presentes conosco, e eu direi somente isto: nada mais de agradável que vossa vinda não tenha sido capaz de tocar nosso César, seja que nós o consideramos a qualidade deste que enviou esta delegação, seja que nós o observamos a excelência do assunto que trouxe, seja que ele (sem tradução ainda) da íntima gentileza e do comércio familiar em sua direção, Ilustre Príncipe, sua Majestade é conhecida por ter nutrido, desde sua jovem idade e seus macios anos ; é por que ele te cercou de sua gentileza, tinha respeito a sua fidelidade a ele, e sua diferença desde tanto tempo confirmada, e às tuas outras inumeráveis virtudes, tu que fosse o mesmo mais ilustre na memória sagrada de seu pai Felipe e de seu avô Maximiliano. Esse privilégio de familiaridade cujo tu tinhas ontem o hábito, tu poderás ainda amanhã ter com sua Majestade. Quando quiseses tratar de outros assuntos do Império mais secretos que a ti tenha sido confiados, sua majestade te concederá uma orelha muito favorável, e te dará boas vindas como agradável e recomendado, segundo esta gentileza e está clemência cujo tem hábito. Eu disse.”